

APRESENTAÇÃO

Nuntius Antiquus v. 12, n. 1, 2016

E assim, é possível que o observador fique realmente surpreendido ante essa fantástica exaltação da vida e se pergunte com qual filtro mágico no corpo puderam tais homens exuberantes desfrutar da vida a ponto de se depararem, para onde quer que olhassem, com o riso de Helena – a imagem ideal, “pairando em doce sensualidade”, da própria existência deles.

Nietzsche. *O Nascimento da Tragédia*, § 3.

Trad.: J. Guinsburg

Os artigos que compõem este número da *Nuntius Antiquus* originaram-se de palestras apresentadas no *VI Simpósio Lendo, Vendo e Ouvindo o Passado – Eros e Helena, de Tróia a Vila Rica*,¹ realizado em Ouro Preto, de 20 a 22 de agosto de 2014, no Museu da Inconfidência. O Simpósio foi organizado por Guiomar de Grammont (Universidade Federal de Ouro Preto), Teodoro Rennó Assunção (Universidade Federal de Minas Gerais), Venúncia Emília Coelho (Instituto Federal de Minas Gerais – Ouro Preto) e por mim, que, como coordenadora geral do evento, fui convidada a organizar este número especial da revista.

Dos dezesseis palestrantes que participaram do *VI Simpósio*,² onze submeteram artigos à publicação, os quais foram aprovados por pareceristas anônimos. A estes artigos foi acrescentado o de Konstantinos Nikoloutsos, que havia, em outra ocasião, feito uma palestra na UFMG, submetendo, posteriormente, seu texto à avaliação. Como afirmou meu colega Teodoro Rennó Assunção, ao fazer a apresentação do número anterior da *Nuntius Antiquus* (v. 11, n. 2, 2015), “eventos acadêmicos

¹ Apenas nas citações e referências a palavra “Troia” está acentuada, pois a reforma ortográfica, que aboliu o acento da palavra, passou a vigorar, compulsoriamente, a partir de 2016.

² A programação completa do simpósio e outras informações sobre ele, como a mostra de filmes relativos ao mito de Helena de Troia, podem ser consultadas neste link que segue: <<http://150.164.100.248/EroseHelena>>.

podem constituir ocasiões privilegiadas não só para a reflexão e discussão sobre temas relevantes, como também para a produção de artigos acadêmicos publicáveis (que se beneficiam das discussões ao vivo e de um modo também coletivo ou grupal de produção do conhecimento)”. Assim, é oportuno, neste momento, agradecer aos autores – tanto pela participação no simpósio, como pela submissão de seus artigos – e aos pareceristas que os avaliaram.

A ordem de apresentação dos artigos segue a mesma do simpósio, e eles percorrem um longo período de produção textual e imagética sobre Helena e Eros, sejam esses divindade, força cosmogônica, ordenadora do caos, ou símbolo do desejo e das paixões. Das literaturas (épica, dramática e lírica) grega e romana ao cinema, passando pelo romance do XIX, da filosofia antiga à psicanálise, uma das mais famosas mulheres da chamada cultura ocidental e seu apelo erótico motivaram os simposiastas a rever, reler e repensar o passado e nós, por meio de análise de textos e filmes, o que pode ser visto em cada artigo que passarei, brevemente, a apresentar. Tentarei mostrar de que modo neles se articulam, reiteradamente, certos temas como o da relação entre as figurações de Helena, Eros e a retórica e o do estatuto do corpo de Helena como signo de disputas e objeto do olhar e do desejo.

Os cinco primeiros artigos são relativos à literatura e à filosofia gregas. André Malta discute o tema da metalinguagem em Homero, a partir da análise de cenas de Helena nos cantos III e VI da *Iliada*, explorando o que ele chama de “consciência poética” da personagem. Stefania Giombini analisa o *Elogio de Helena*, de Górgias, mostrando as especificidades desse texto, classificado como epidítico, e a conexão entre questões sobre retórica e filosofia na tarefa que o sofista dá a si mesmo de inocentar aquela cujo nome se tornou “memória de males”. Rogério Campos e Venúncia Coelho têm como foco o *Fedro*, de Platão, mas enquanto o primeiro analisa as tópicas poéticas estesicóricas nesse diálogo, reportando-se, ainda, à *Carta III*, na qual o filósofo também cita o poeta siciliano, a segunda examina os três discursos sobre Eros, explicando como essa primeira parte do diálogo se articula com a produção do discurso retórico na segunda parte, articulação esta que se insere no debate sobre a unidade do *Fedro* e que problematiza a tradicional divisão do diálogo em duas partes – que teriam objetos distintos, o amor e a retórica. No último artigo desse grupo, Karen Franklin discute o estatuto da figura feminina em algumas comédias de

Aristófanes e na *República*, de Platão, indicando como a “caricatura” e a “excepcionalidade”, respectivamente, são as marcas centrais da posição da mulher nos textos dos dois autores. Um traço comum a esses três últimos artigos é a preocupação dos autores em considerar a influência de obras poéticas na tessitura do texto platônico, mostrando que a compreensão deste último depende de conhecermos a recepção do que hoje chamamos de textos de literatura e de retórica na filosofia.³

Com os dois artigos seguintes, somos levados ao mundo romano, conduzidos por Sandra Bianchet e Alexandre Agnolon, que investigam, respectivamente, a presença de Helena nas *Heroides*, de Ovídio, e a de Eros na elegia romana. Ao analisar as cartas trocadas entre Páris e Helena, Sandra não apenas mostra a recepção da personagem grega na sociedade romana metamorfoseada em sedutora e astuta matrona do séc. I d.C., mas também aponta para a natureza retórica das cartas entre ela e Páris, realçando o elo (tradicional) entre Helena e a arte da persuasão. Na mesma linha temática, Agnolon toma, entre outros, exemplos de Tibulo, Propércio e Ovídio para mostrar que Eros é “expediente programático” para a figuração de “princípios retórico-poéticos do gênero” elegíaco – algo semelhante à figuração da Helena gorgiana como estratégia retórica para o elogio ao *lógos* (como defende Giombini). O artigo chama atenção para duas coisas. Em primeiro lugar, as referências ao, digamos, treinamento retórico segundo preceptivas de Quintiliano e Herênio, para que os jovens sejam capazes de “gerar afecções na audiência” e também apresentar “pistas aos olhos dos ouvintes”. A associação entre visão e audição não me parece aleatória aqui; o binômio remete à estreita interação entre imagem e discurso. Lembremos a interação entre estes dois sentidos – visão e audição – e seus produtos no *Elogio de Helena* ou no *Fedro*, ou, ainda, na *Iliada*, quando, na famosa *teichoscopia*, à visibilidade de Helena, observando e sendo observada, é associada a sua condição de sujeito da narrativa (consciente, como já notara André Malta, ao analisar uma cena

³ Vale lembrar, aqui, a pertinência desse tema também no caso do *Elogio de Helena*, de Górgias, bem como no de Isócrates, textos que, na recente e perspicaz análise de Capra, fazem parte de uma “network of allusions”, que indica, ainda, a forte presença da bela espartana e os temas filosóficos ligados às suas ações no diálogo platônico. Veja CAPRA, A. *Plato’s Four Muses: The Phaedrus and the Poetics of Philosophy*. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2014. p. 59-87, principalmente.

um pouco anterior a esta, da posteridade de sua própria história).⁴ Em segundo lugar, ainda que seja em uma nota de pé de página, vale lembrar que Agnolon indica uma cadeia de recepção da elegia erótica latina que vai até Dante, Petrarca e Ronsard (autor de um soneto sobre Helena), a qual, mesmo não sendo desenvolvida, não deve ser desconsiderada em um estudo mais amplo sobre a reverberação dos mitos de Helena e Eros no início da modernidade.

Da Antiguidade Romana damos um salto para a modernidade e a contemporaneidade em um conjunto de outros cinco artigos. Tratemos primeiramente de três deles. No seu ensaio, Dana Munteanu toma como ponto de partida Homero, mais precisamente a cena da *teichoscopia*, para falar do olhar masculino sobre a beleza feminina, examinando a recepção da imagem de Helena em Offenbach, Zola e Tolstói. Em oposição à divertida protagonista da opereta *La belle Hélène*, as personagens trágicas do romance, Nana e Anna Karenina, são analisadas em uma abordagem comparativa, também na perspectiva de estudos de gênero, com foco na vulnerabilidade (inexistente em Homero) da protagonista, advinda de suas decisões de seguir seus desejos eróticos. O artigo de Ana Azevedo trata de amor e de morte, tanto na vida como na obra de Hilda Doolittle, autora do poema-livro *Helen in Egypt*, paciente e amiga de Freud, cuja teoria psicanalítica, mais precisamente o problema da caracterização do desejo da mulher, é objeto de análise, assim como um dos poemas de HD, que repõe Helena como figura “fugidia, incapturável, tal como o *eidolon*”. Nesse ponto, Azevedo e Munteanu remetem a outra versão do mito, que duplica Helena, usada por Estesícoro e Eurípides, em sua *Helena*. Imaculada Kangussu explora a relação entre a dimensão erótica e política, a partir de textos de Goethe, Benjamin e Marcuse, usando o conceito de “efeito de eros”, de Katsiaficas. Para tanto, destaca o papel da beleza – “hóspede sempre bem recebido”, segundo Goethe – encarnada na figura de Otilie, e compara as leituras de *Afinidades eletivas*, de Benjamin e Marcuse, realçando a interpretação política e social do romance dada pelo autor de *Eros e Civilização*. Assim como destaquei antes a influência

⁴ Sobre Helena como narradora, veja, principalmente, o capítulo “Viewing from the Walls, Viewing Helen: Language and Indeterminacy in the ‘*Teichoscopia*.’” em TSAGALIS, C. *The Oral Palimpsest: Exploring Intertextuality in the Homeric Epic*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008. p. 112-134.

dos textos poéticos em Platão, destaque, agora, a interação estreita entre textos de literatura e de filosofia.

Os dois últimos artigos tratam da recepção de Helena na sétima arte. Konstantinos Nikoloutsos analisa a construção do corpo de Helena em alguns filmes, enfatizando a dualidade semiótica de seu corpo, a partir de sua representação na *Iliada* e das ideias sobre a proximidade entre retórica e poesia, bem como a dicotomia entre o belo e o sublime, defendida por Edmund Burke em seu tratado de estética. Martin Winkler percorre e comenta, detalhadamente, um extenso período da produção de filmes que deram visibilidade e concretude a uma figura feminina que a literatura (e mesmo a pintura) nos fez imaginar, prestando, também, uma homenagem à beleza daquelas atrizes que interpretaram Helena. Ambos os artigos levam-nos a refletir sobre as implicações de identificar determinadas atrizes com a mais bela das mortais. Afinal, que face real (singular) pode satisfazer tantos desejos e dar lugar àquela que é símbolo (universal) da própria beleza? A pergunta, que para um diretor de cinema significa a difícil escolha de uma atriz que agrade ao público e justifique a partida de mais de mil navios e os padecimentos de gregos e troianos, pode remeter a uma reflexão filosófica mais complexa, que nos reconduz aos textos de Górgias e de Platão.⁵ Na sempre citada definição do *lógos* como um “grande soberano”, o sofista afirma que “com o menor e mais invisível corpo (*sôma*) ele executa as ações mais divinas” (§8). Se prestarmos atenção ao uso do termo “*sôma*” ao longo do *Elogio de Helena*, veremos quão importante ele é na estrutura argumentativa que irá intercambiar, como atributos do corpo e do discurso, a beleza e a verdade.⁶ O tema é retomado e revertido, cuidadosamente, no *Fedro* (276a), com sua definição de discurso como um ser vivo e animado – e também no *Banquete* (211d) quando Diotima orienta o abandono de tudo o que é corpo, carne, para que se contemple o belo em si, a verdade. Como vemos, analisar a recepção de Helena na tela não é, simplesmente, investigar

⁵ Sobre a (in)visibilidade de Helena, veja AUSTIN, N. *Helen of Troy and Her Shameless Phantom*. Ithaca: Cornell University Press, 1994. Sobre o sentido e impacto do famoso verso no *Fausto*, de Goethe, indicando a onipresença da imagem de Helena, veja CASSIN, B.; MATHIEU, M. *Voir Hélène en toute Femme: d’Homère à Lacan*. Paris: Institute d’édition Sanofi-Synthelabo, 2000.

⁶ Sobre o assunto, veja COELHO, M.C.M.N. As afecções do corpo e da alma: a analogia gorgiana entre *phármakon* e *lógos*. In: PEIXOTO, M. (Org.) *A saúde dos antigos: reflexões gregas e romanas*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 67-86.

se a adaptação audiovisual é fiel ou não a um texto canônico; ela vai além da busca de autenticidade e fidelidade, trazendo à tona problemas epistemológicos e estéticos sobre o próprio estatuto da imagem e dos sentidos.

Antes de finalizar esta apresentação, gostaria de fazer duas considerações. Ao longo de meu texto, várias vezes usei o termo “recepção”, tão ligado ao estudo da “tradição clássica”. Embora nenhum dos artigos deste volume se dedique especialmente a questões teóricas de recepção, é inegável que todos assumem, conscientemente, em maior ou menor grau, compromissos metodológicos ligados a esse assunto. Charles Martindale, na introdução de um importante volume sobre o tema, do qual foi editor,⁷ chamou atenção para a interdisciplinaridade nessa área. A meu ver, com a ênfase na especialização que caracteriza a atividade acadêmica, um conjunto de textos como o deste volume mostra não apenas a importância, mas a necessidade mesma de convocar especialistas de várias áreas para pensar um tema comum, diacrônica e sincronicamente. Este foi o espírito do evento, e o resultado que aqui se apresenta pode contribuir, espero, para a maior compreensão dos conceitos e autores discutidos, bem como da complexidade dessa cadeia de recepção entre tantas obras artísticas e teóricas.

A segunda consideração que faço se refere ao tema do *VI Simpósio*, que deu origem a esse volume: *Eros e Helena, de Tróia a Vila Rica*. O leitor poderia se perguntar: “por que Vila Rica”? A razão, naturalmente, não foi o fato de o simpósio ter sido realizado em Ouro Preto, antiga Vila Rica, mas, sim, por ter incluído palestras sobre a recepção de Helena e Eros em autores brasileiros. Imagens de Eros e de Helena aparecerão no mais distante interior de Minas, seja como figura mítica, como em Tomás Antônio Gonzaga – na lira VII, em que a espartana é comparada a Marília –, seja como metáfora do desejo feminino, como na personagem Mariana, tão cristã no nome e tão pagã no ser, no longo poema *O padre, a moça*, de Carlos Drummond de Andrade, e no filme de Joaquim Pedro

⁷ MARTINDALE, C. THOMAS, R. F. (Ed.). *Classics and the Uses of Reception*. Oxford: Blackwell, 2006. Vale notar que não temos de concordar com todas as afirmações de Martindale; sua visão de que apenas o material pós-clássico concerne à recepção pode ser criticada, e vários artigos nesse volume são exemplos de recepção entre textos já na Antiguidade, como Górgias em Platão, ou Homero em Ovídio.

de Andrade, inspirado nesse poema.⁸ Os primeiros versos são suficientes para indicar a reverberação do tema: “O padre furtou a moça, fugiu / Pedras caem no padre, deslizam / A moça grudou no padre, vira sombra, / aragem matinal soprando no padre. / Ninguém prende aqueles dois / [...]” É oportuno lembrar que há outras apropriações do mito de Helena entre nós.⁹ Deixarei ao leitor, como estímulo para investigar o assunto, uma segunda citação. Comecei esta apresentação pela epígrafe em que Nietzsche afirma ser Helena a própria imagem ideal de ser grego; encerrarei com Machado de Assis, criador de tantas Helenas,¹⁰ que em crônica de 26 de junho de 1892 foi explícito ao afirmar a presença – até duplicada! – da bela espartana (e do amor) em solo brasileiro:

Outro telegrama conta-nos que alguns clavinoteiros de Canavieiras (Bahia) foram a uma vila próxima e arrebatarem duas moças. A gente da Vila ia armar-se e assaltar Canavieiras. Parece nada e é Homero; é ainda mais que Homero que só contou o rapto de uma Helena: aqui são duas. Essa luta obscura, escondida no interior da Bahia, faz singular contraste com a outra que se trava no Rio Grande do Sul, onde a causa não é uma, nem duas Helenas, mas um só governo político. Apuradas as contas vem a dar nessa velha verdade, que o amor e o poder são as duas forças principais da terra. Duas vilas disputam a posse de duas moças; Bagé luta com Porto Alegre pelo direito de mando. É a mesma *Iliada*.

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho

⁸ Sobre as histórias de esposas roubadas e as apropriações do mito de Helena em tantos lugares e contextos, veja: GUMPERT, M. *Grafting Helen: The Abduction of the Classical Past*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 2001. EDMUNDS, L. *Stealing Helen: The Myth of the Abducted Wife in Comparative Perspective*. Princeton: Princeton University Press, 2015.

⁹ Para algumas referências no cinema e na literatura, veja COELHO, M.C.M.N. Helena de Tróia no cinema nacional?! O Senhor se admira!? Não, não, absolutamente... *Letras Clássicas*, v.12, p. 251-258, 2008 (2012).

¹⁰ Sobre as Helenas machadianas, veja COELHO, M.C.M.N. Helena, Eurípidés e Machado de Assis. *Espelho*, v. 8, n. 9, p. 37-62, 2002.